



Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional

CANDIDATURA DA CULTURA AVIEIRA A PATRIMÓNIO NACIONAL

Pressupostos

O Vale do Tejo conheceu historicamente importantes movimentos migratórios, nas suas zonas de cultura extensiva, absorvendo força de trabalho oriunda de outras partes do país –uns mais sazonais (como os Gaibéus) outros mais permanentes (como os Avieiros);

As migrações Avieiras do século XX fazem parte de um fenómeno nacional inserido num outro mais vasto, europeu;

As migrações devem ser consideradas como um acontecimento social e cultural relevante, por representarem a acção do homem colocado perante condições adversas de sobrevivência;

O fenómeno deve ser considerado como transversal a toda a sociedade, visto ter implicações com outras culturas, com uma actividade primária muito precária, e com a evolução cultural de uma identidade comunitária, a partir da pesca, que derivou para o emprego em outros sectores de actividade;

Deve por isso ser avaliado, estudado e valorizado, como integrando um *sistema* económico e social em evolução;

A avaliação e o estudo da cultura Avieira, e as acções daí emergentes, devem ter uma perspectiva de cruzamento de várias disciplinas, e de integração de saberes, incluídas num plano de trabalho coerente;

O trabalho daí decorrente, bem como a sua aplicação, devem resultar de um encontro de vontades dos membros da comunidade ainda existentes, de várias organizações, instituições e pessoas, e da necessidade de cooperação entre elas, tendo em vista o reconhecimento e a revalorização de uma identidade cultural que tem sido esquecida e que se desvanece rapidamente, mas cujo reconhecimento pode contribuir para um desenvolvimento auto-sustentado –não só das próprias comunidades mas também das envolventes, com o renascer e a criação de serviços de oferta turística e de lazer;



Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional

Os princípios programáticos deste plano de desenvolvimento são os da potenciação articulada, dentro da autonomia de interesses e de esferas de intervenção, visando a descentralização, a cooperação inter-institucional e interpessoal, e a co-responsabilidade, num projecto comum que se pretende exemplar, de reconstituição em novos contextos dos traços marcantes da Cultura Avieira.

No contexto actual da globalização, e da construção europeia, fenómenos que tendem a ser niveladores e descaracterizadores das identidades culturais, maior relevo adquire o esforço de investigação/acção para levar ao reconhecimento da cultura Avieira como Património de Interesse Nacional – que poderá constituir um marco para o desenvolvimento das zonas ribeirinhas da lezíria do Tejo.

As origens – Vieira de Leiria

Em 1512 separou-se Monte Real da freguesia de S. Tiago do Arrabalde e constituiu com os seus moradores uma nova freguesia, de que também fazia parte Carvide e Vieira . Em 1632 o Bispo de Leiria separou de Monte Real o lugar de Carvide que se constitui em nova freguesia à qual ficou pertencendo Vieira que por sua vez se desanexou daquela em 1740, constituindo-se em freguesia. A primeira referência documental ao nome da freguesia só aparece em 1527 no "Cadastro da População do Reino": "aldeia de Carvide cõ casaes da Vieira e da Pasagem, 30". Significa que por aqui existiam 30 fogos correspondentes a uma população estimada entre 100 a 135 habitantes.

Crê-se que o crescimento desta zona tenha tido lugar a partir daquela época. É que, como diz o "Couseiro" ou Memórias do Bispado de Leiria "no lugar da Passagem está uma ermida, da invocação de Nossa Senhora da Ajuda, feita no anno de 1614". E "outra no lugar da Vieira, da invocação de Nossa Senhora dos Milagres, imagem de vulto, feita no anno de 1615". A construção desses templos é um indício bastante para acreditar no certo grau de desenvolvimento atingido pelas duas povoações. E essa confirmação surge no século XVIII com sinais de que Vieira de Leiria regista um crescimento paralelo ao intensificar da exploração do Pinhal. Dá-se então a criação da freguesia e dezoito anos depois, já existem 200 fogos e 600 moradores.



Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional

As principais ocupações da população estavam ligadas à mata, com especial destaque para o corte e serração de madeira e para o fabrico do pez. Existe documentação coeva que permite concluir que esta freguesia suplantava quaisquer outras localidades da periferia do pinhal que eventualmente também tivessem a serração braçal como actividade dominante. Em 1767 é inaugurada a igreja matriz de Vieira, mas em 1783 é feito um novo arco na capela-mor por se considerar demasiado pequeno o inicial. O cura era da apresentação da mitra. O século XIX marcaria novos contornos no desenvolvimento de Vieira polvilhando-o de altos e baixos. Primeiro, as obras de regularização do leito do Lis, depois a Invasão Francesa de 1810. Fugindo diante dela, o povo refugiou-se no Pinhal do Rei, onde escondeu os haveres que conseguiu transportar. O que não foi possível levar foi destruído ou enterrado. Mas o saldo desta invasão foi muito desfavorável para os Vieirenses. Quase metade da população foi dizimada por epidemias e mais de metade das casas foram destruídas ou danificadas pelos franceses.

Com a chegada do século XX, a Vieira vai-se tornar protagonista de uma das mais singulares migrações internas que Portugal conheceu — a dos "Avieiros". O agravamento das condições de vida dos pescadores, aos quais a vila nada mais tinha para oferecer para além de um inverno rigoroso e muita fome, criou um grande fluxo migratório em direcção ao Tejo. Grandes comunidades de avieiros se foram estabelecendo junto das vilas ribeirinhas, encaminhando-se depois, para o tráfego comercial fluvial e terrestre.

As maiores movimentações terão ocorrido entre 1919 e 1939. Durante décadas esta gente dividiu a sua vida entre o verão em Vieira e o inverno no Tejo, entre a arte xávega da sardinha e a arte varina do sável. Mas chegou o dia em que deixaram de regressar durante o Verão. E para sempre ficaram ligados à história do Tejo, os homens de Vieira, os Avieiros.

In: <http://vieiradeleiria.no.sapo.pt/historia.htm>



Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional

Aldeias Ribeirinhas



Alpiarça | Patacão

A Aldeia do Patacão foi, em tempos, uma aldeia de pescadores com edificações palafíticas em madeira, construídas a pensar nas cheias de Inverno. Hoje, com as casas já degradadas, este local não deixa de ter o seu encanto. Tudo se conjuga num ambiente calmo e tranquilo à beira do rio Tejo: água, areia e frondosos salgueiros proporcionam um fresco e agradável ambiente. Habitada por pescadores que vieram de Vieira de Leiria, desde o ano de 1950, esta aldeia foi palco de muitas cenas e histórias que ficaram na memória

daqueles que, durante noites e dias a fio, procuraram, nas águas do rio, o pão de cada dia. Os pescadores começaram a abandonar a aldeia nos anos 80 e as habitações foram-se degradando.



Azambuja | O Lezirão

É mais uma aldeia piscatória que podemos encontrar na Lezíria. Também aqui viveram e labutaram os avieiros. O Lezirão sofreu muitas alterações ao seu traçado original, deixando apenas a riqueza das tradições já quase perdidas, mas que os pescadores ainda as vão mantendo.



Cartaxo | Aldeia da Palhota

É uma típica aldeia piscatória, de origem avieira, situada na margem direita do rio Tejo. Característica e pitoresca pelas suas habitações construídas sobre estacas de madeira, esta aldeia merece um olhar do visitante que queira inteirar-se do modo de vida centenária destas comunidades piscatórias.



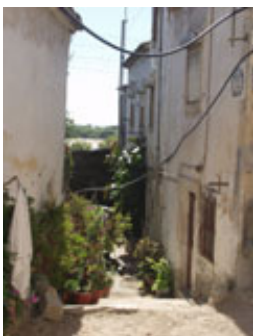
Chamusca | Aldeia do Arripiado

Esta lindíssima aldeia, erguida em declive descendo até ao Tejo, é um ponto de observação único, avistando-se daqui panoramas deslumbrantes para as povoações vizinhas da outra margem, fronteiras a este local, a saber Tancos, pertença já de Vila Nova da Barquinha.



Salvaterra de Magos | Aldeia de Escarpim

Aldeia piscatória palafítica, típica desta região, em que podemos observar ainda hoje os modos de vida das gentes ribeirinhas – os avieiros, que mostram orgulhosamente os seus barcos de cores garridas.



Santarém | Ribeira de Santarém

Velho burgo ligado ao tráfego fluvial e que, outrora, fez de Santarém a Porta do Ribatejo. Casas, ruelas e becos, além de alguns monumentos (Igreja de St. Cruz e Fonte de Palhais), conferem-lhe atractivo. Na margem do Tejo o padrão de Santa Iria perpetua a memória do aparecimento do túmulo da Santa à Rainha Santa Isabel e a D. Dinis.



Projecto de Candidatura da Cultura Avieira a Património Nacional



Santarém | Caneiras

Povoação ribeirinha típica de "avieiros", com habitações palafíticas erguidas sobre pilares de madeira. A actividade piscatória está patente nos barcos e redes à vista. É famosa a "fataça na telha", delícia gastronómica preparada segundo os usos dos pescadores locais. Uma visita às Caneiras proporciona um belo passeio pelos campos junto ao Tejo, sendo possível observar, nalgumas épocas do ano, grandes bandos de garças brancas, que emprestam o seu colorido à paisagem.

In: <http://www.ribatejodigital.pt/ribatejodigital/PT/ConhecaRibatejo/LocaisInteresse/Patrimonio/aldeiasribeirinhas.htm>

Foto oficial do projecto O último Avieiro do Patacão



Foto: Paulo Barreiros

Equipa Central de Coordenação - Contactos

Nome	Contacto Email
João Serrano	joaoserrano@mail.pt
Luís Vidigal	luis.vidigal@ese.ipsantarem.pt
Ana Margarida Marques	seuqrana@gmail.com
Paulo Andrade	presidente@anmpn.pt